

RELAÇÕES PÓS-MODERNAS: A HERANÇA NARCISISTA?

Ana Clara Mazzo, Matheus Nauann B. Nogueira, Elaine Cristina G. Pizato, e-mail:
anaclaramazzo@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

As mudanças tecnológicas têm ocorrido rapidamente na sociedade, os usuários das redes sociais estão constantemente expostos a diversos tipos de conteúdo, o que intensifica o ritmo das relações e interações na sociedade contemporânea. Crianças frequentemente não recebem supervisão adequada de adultos, prejudicando a compreensão sobre o outro (SARNO, 2022; SILVA et al., 2020). Almeida (2021), cita Ferenczi que contribui com seus estudos afirmando que os indivíduos da era pós-moderna estão apresentando relações interpessoais cada vez mais superficiais, deixando valores sociais e, por vezes, a empatia de lado, criando um paradoxo na busca pela compreensão não só do subjetivo social, como também das diferenças da realidade apresentada pelos pais aos seus filhos (ALMEIDA, 2021). Surge então o questionamento: deixar as crianças e jovens entretidos em seus smartphones enquanto faz-se as tão importantes tarefas de adultos é tão seguro ao ponto de não precisar supervisioná-los? Baseado nas ideias de Bauman, as redes sociais podem ser consideradas um território para narcisistas, que as usam para buscar validação e preencher vazios emocionais com *likes* e visualizações. Contudo, a conexão entre o uso das redes sociais e o desenvolvimento do narcisismo não é linear, portanto, é crucial compreender como elas afetam o crescimento social e emocional do indivíduo, algo fundamental para compreender experiências diferentes das suas (SAMPAIO; CAMINO; ROAZZI, 2009). Por fim, visando compreender o contexto social em que as novas gerações, consideradas "hiperconectadas", encontram-se dentro da sociedade e como isso tem influenciado as formas de se relacionar uns com os outros, o presente estudo busca gerar uma reflexão acerca do impacto das redes sociais na construção do narcisismo nos indivíduos, movido a imagens distorcidas de "perfeição" concebidas a partir de influenciadores, pois qual o lugar mais propenso a demonstrações narcísicas se não as redes? (REHBEIN; CHATELARD, 2013).

2 MÉTODO

O presente estudo utilizou o método de revisão bibliográfica, segundo (GIL, 2021), levantando-se a hipótese de que as crianças e adolescentes vêm sendo fortemente influenciados pelas redes sociais, potencializando características narcisistas nas relações pós-modernas.

Foi feito um levantamento na literatura com as seguintes palavras-chave: “desenvolvimento infantil”, “relações interpessoais”, “psicologia”, “psicologia social”, “redes sociais”, “mídias sociais”, “psicanálise”, “apego ao objeto”, “habilidades sociais”, “narcisismo” e “empatia”, dentro do período de 2018 a 2023. Os materiais excluídos foram de outros idiomas que não fossem português, assim como estudos duplicados, arquivos indisponíveis e/ou que não tratem do tema. Foram feitas buscas na base científica BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), por sua vasta disponibilidade de material, conexões com outras plataformas e possibilidade de filtros de busca, a qual possui assuntos secundários que complementam a pesquisa. Na presente pesquisa os assuntos secundários postos na base de dados foram: tecnologia, comportamento infantil, redes sociais online, transtorno de personalidade e transtorno psicótico, totalizando 30 artigos selecionados segundo os parâmetros estabelecidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Fernandes e Junior (2021) e Alves e Lazzarini (2020), a relação objetual atrelada ao entendimento etiológico promove o vislumbre de importantes aspectos do desenvolvimento humano. Tendo em vista que no processo de desenvolvimento do narcisismo o “Eu” é composto de experiências que o fazem modificar-se ao longo do tempo, como Sigmund Freud já abordava em seu conceito de “eu ideal” onde a ideia das fantasias narcisistas são nascentes do investimento dos cuidadores com o bebê, fazendo o indivíduo criar um senso de importância e estima, derivadas das interações interpessoais, antes que o indivíduo desenvolva a habilidade de se identificar consigo mesmo através do pronome

"Eu". Essa representação funciona como um alicerce para o Ego e um campo onde as influências do passado inconsciente se manifestam no presente.

Considerando a discussão sobre relações primárias e a busca de conforto psicológico, surge a indagação sobre a viabilidade de encontrar, de alguma maneira, a continuação desse cuidado primário e um ambiente adequado nas redes sociais. Referindo-se a esta questão, Silva et al. (2021) menciona um estudo que analisou um canal do *YouTube*, descrevendo um contexto em que a realidade é compartilhada em vídeos,

[...]observou na figura central, representada pela mãe, a construção da imagem materna de forma estereotipada e polarizada: a mãe boa. O dono do canal discorre acerca dos poderes de sua mãe, ilustrando-a como alguém que cuida, é solícita aos filhos e organiza o lar, enfatizando a dimensão doméstica e cuidadora (SILVA et al., 2021).

No estudo de Alves e Lazzarini (2020), destaca-se a concordância com as percepções de Hall e Sibilia, enfatizando como os meios de comunicação estão provocando mudanças e novas formas de existir no mundo. Isso teria consequências na subjetividade, podendo resultar em uma possível instabilidade identitária e fragmentação das referências culturais. Nota-se que os utilizadores das principais redes sociais enfrentam desafios significativos ao lidar com situações que escapam ao seu controle e às suas expectativas. Isso inclui lidar com desilusões provenientes de interações interpessoais e lidar com a frustração.

Recentemente, *YouTubers*, considerados influenciadores digitais, tornaram-se pauta de estudo devido as suas implicações e influência ao seu público (SILVA et al., 2021). Tal questão pode ser observada não somente na plataforma de vídeos mencionada, mas também em redes como o Facebook, na qual os estudiosos buscaram compreender como os usuários, em grande parte adolescentes, apresentavam compreensões do subjetivo no meio virtual. As pesquisas apontaram um senso de desconfiança para com o outro, demonstrando a ideia de que os usuários criavam perfis ideais, mostrando apenas aquilo que poderia agradar ao público e, independente da faixa etária, o sentimento de solidão devido ao fator de comunicação online e o distanciamento foi fortemente descrito pelos participantes da pesquisa. Tais dados mostram que mesmo diante ao conforto de não estar

diante ao outro, os usuários da rede apresentaram a necessidade de identificação e senso de pertencimento através das conexões (CARDOSO et al. 2019; EW et al. 2018).

Gerchmann e Antunes (2019) abordam a cultura do narcisismo influenciada pelas perspectivas de Lasch e Debord, em uma sociedade marcada pelo espetáculo. Este contexto resultou em um "Eu" que construiu sua subjetividade de maneira independente, trazendo normas individuais ao invés de aquelas socialmente estabelecidas. Nessa dinâmica, as redes sociais se tornaram uma busca por validação, lembrando relações objetais maternas, perpetuando fantasias narcísicas e prejudicando a formação de vínculos seguros e saudáveis. Tal dinâmica é fortemente influenciada pelo contexto do capitalismo e consumismo, a qual as redes sociais se tornaram um espaço para explorar o desejo de ter em vez de ser. Abjaude et al. (2020) também exploram o impacto das mídias sociais na saúde mental, destacando a necessidade de circulação de informações relevantes socialmente, mas levantando a questão de até que ponto esses ambientes digitais são realmente saudáveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo bibliográfico, com ênfase na abordagem de Bauman, ressalta as relações pós-modernas como superficiais, associando-as ao consumismo e à fluidez, comparando essa dinâmica a um mergulho raso em uma piscina. No entanto, por não ser um estudo de caso amplo sobre as interações sociais, na perspectiva da alteridade, este estudo possui limitações. Além disso, destaca-se a necessidade de aprofundamento em intervenções terapêuticas, dado que a maioria das análises está focada nas questões atuais de uso das mídias sociais, com menos foco nos processos terapêuticos. Também é relevante considerar que as conclusões foram parciais devido ao projeto de conclusão de curso estar incompleto.

REFERÊNCIAS

ABJAUDE, S. A. R. *et al.* Como as mídias sociais influenciam na saúde mental?. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**, v. 16, n. 1, p. 1-3, mar. 2020 . Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1094425>. Acesso em 30 ago. 2023.

ALMEIDA, A. P. de. Empatia na psicanálise: um enfoque na teoria de Klein e Winnicott. *Psicanálise & Barroco em Revista*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 162–183, 2021. Disponível em: <http://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/10548>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ALVES, W. S.; LAZZARINI, E. R. Uma análise do eu em tempos de virtualidade e isolamento: reflexões psicanalíticas. *Jornal de Psicanálise*, v. 53, n. 98, p. 123-139, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1154741>. Acesso em: 26 ago. 2023.

CARDOSO, F. de S. *et al.* Redes Sociais e Sociabilidade: Práticas e Percepções Acerca dos Usos do Facebook no Lazer. *Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 22, n. 1, p. 91–121, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-996586>. Acesso em: 30 ago. 2023.

EW, R. de A. S. *et al.* Mídias Sociais: Construção de Narrativas de Si de Adolescentes. *Psicologia & Sociedade*, [s. l.], v. 30, e169654, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-955877>. Acesso em: 30 ago. 2023.

FERNANDES, J. B. do P.; JUNIOR, C. A. P. Apego e comunicação: considerando o desenvolvimento infantil sob a ótica da etologia e da psicanálise. *Psicologia USP*, [s. l.], v. 32, e190144, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1155146>. Acesso em: 29 ago. 2023.

GERCHMANN, A.; ANTUNES, C. A. O suicídio na era do espetáculo: a respeito dos massacres nas escolas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 53, n. 4, p. 103-116, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1288857>. acessos em 26 ago. 2023.

GIL, A. C. **COMO ELABORAR Projetos de Pesquisa**. 7. ed. 2021. p. 186. *E-book*.

REHBEIN, M. P.; CHATELARD, D. S. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal: Revista de Psicologia*, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 563-584, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/QVfddnNpQK8bWbCWbBy8ZtC/?lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SAMPAIO, L. R.; CAMINO, C. P. dos S.; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicol. cienc. prof.*, v. 29, n. 2, p. 212-227, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200002&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 26 fev. 2023.

SARNO, S. M.G. Infância na Contemporaneidade: A Significativa Interação das Crianças com Webcelebridades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, ed. e242032. p. 1-12,

2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/XqkhgVzsN3PdvW64WjrfJDG/?lang=pt>. Acesso em: 23 Jul. 2023.

SILVA, C. M. et al. Youtubers e juventude: uma análise dos vídeos mais populares e suas implicações na saúde mental. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 15, n. 2, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1254954>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SILVA, S. de A. A. et al. Herança da informação digital e direito ao esquecimento em redes sociais on-line: uma revisão sistemática de literatura. **Em Questão**, v. 26, n. 1, p. 375–401, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/86980>. Acesso em: 8 abr. 2023.